

“CHAMAVAM-ME... TERRORISTA”

Alexandrino José

Lutas ocultas, ao invés de abertas, caracterizaram a situação dos operários das Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro de Moçambique, na então cidade de Lourenço Marques, durante a última fase do capitalismo colonial. Devia-se esse facto ao carácter fascista da dominação colonial que então proibira a luta entre as classes em favor de uma pretensa harmonia. Através de três entrevistas recolhidas nas Oficinas Gerais e da sua análise, procuramos neste trabalho salientar o surgimento de três aspectos essenciais intimamente ligados, decorrentes das lutas de classes aí travadas entre os anos 1960 e 1974. São os seguintes esses três aspectos: 1) A organização e unidade dos trabalhadores para a resolução radical dos problemas que lhes impôs o sistema colonial-capitalista; 2) A questão do Estado; 3) A questão das relações de produção e raciais.

As lutas dos operários centravam-se essencialmente, nessa altura, em problemas de carácter sindical, em particular a questão salarial.

A concorrência exacerbada entre os trabalhadores da colónia fazia com que «cada um defendesse o seu cabedal», o que

fazia, por sua vez, com que os seus salários tendessem a ser muito baixos. Para além da concorrência que dividia e enfraquecia o conjunto desta fracção proletária na sua luta contra o sistema de exploração capitalista, os operários tinham de confrontar-se com os trabalhadores brancos vindos da Metrópole. Estes últimos defendiam a manutenção dos privilégios assegurados pela divisão racial do trabalho estabelecida pelo Estado colonial, sendo esse o instrumento da dominação da burguesia colonial.

Para manter o controlo e a iniciativa na luta contra os operários, o Governo colonial criou estruturas para os trabalhadores, proibindo simultaneamente qualquer organização real de classe. Em consequência desta acção os operários não conseguiram ultrapassar as suas lutas individuais ou de pequenos grupos sectoriais ou mesmo alargá-las ao terreno político.

Surge então um fenómeno novo, radicalmente diferente na luta do Povo Moçambicano — a luta armada. Esta visava a conquista do poder político detido pelos colonos não para o herdar, mas para o destruir. Para construir um Estado colocado ao serviço dos trabalhadores, na batalha da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade colectiva.

Perante esta ameaça à perpetuação da dominação colonial, o Governo desencadeou duas acções simultâneas: 1) concessão de alguns direitos sindicais (aumentos gerais de salários, extensão do direito a concurso a alguns trabalhadores, prémio de economia, abonos de família e férias pagas), e algumas concessões de ordem jurídica; 2) Aumento do aparelho repressivo do Estado por forma a impedir o apoio directo dos trabalhadores à luta armada e depurar a sociedade de elementos nacionalistas, revolucionários ou mesmo simples contestatários.

Entretanto a manutenção da essência das causas da opressão e exploração fez crescer cada vez mais a adesão à luta armada fazendo com que, em 1972, Portugal ainda dirigisse mas já não controlasse o processo de lutas de classe.

O campo de luta dividia-se então, cada vez mais claramente, em dois contrários irreconciliáveis: os «turras» e a ordem colonial. Ou seja, entre a FRELIMO representando as aspirações da maioria colonizada aliada às forças populares e progressistas do mundo, em confronto directo e aberto com o colo-

nialismo português, aliado ao sistema capitalista e aos Governos capitalistas e racistas da África Austral.

TRÊS ENTREVISTAS

A primeira entrevista que apresentamos focaliza os seguintes aspectos: os métodos da polícia política do Estado capitalista colonial-fascista, a sua omnipresença no terreno fundamental da luta de classes, aí travada, possuindo poderes ilimitados contra os seus opositores.

Coloca também o problema essencial de todas as lutas sociais — o da conquista do poder do Estado e o seu exercício conforme os interesses da classe que o detém.

Demonstra assim a participação dos operários na luta contra o sistema, não só para obter direitos de carácter sindical, mas também, e principalmente, para combinar aquela forma de luta com a luta política.

A segunda entrevista coloca em primeiro plano a situação da subordinação dos trabalhadores colonizados e o fracasso das suas lutas de feição sindicalista.

Os principais instrumentos utilizados pelo Estado colonial foram: a raça e as microcategorias técnico-profissionais que não correspondiam às necessidades do desenvolvimento da economia colonial mas aos da luta política mais geral. Tais escalões criariam até hoje o conflito entre a categoria, a função, o salário e a competência. Isso levou a que o trabalhador lutasse pela sua promoção e não pela destruição da «pirâmide» da divisão técnica profissional inadequada e errónea, que reforçava a sua escravização em vez da libertação do domínio das relações de produção colonial-capitalistas.

Porém, essas lutas prepararam a tomada de posição apresentada no primeiro depoimento e isso reforçado pelos resultados que apontaremos nesta última entrevista. Nela se focam as lutas triviais no seio dos próprios operários, sua divisão e desorganização que os coloca à mercê das vicissitudes da ditadura do capital colonial.

A miséria constante, propulsora da revolta, as dificuldades de reprodução entanto que trabalhadores e o recrudescimento da repressão, levou os operários a evocar os heróis da oposição à penetração colonial para a nova luta contra a perpetuação dessa mesma dominação e exploração.

Como produto da vitória política da Luta Armada de Libertação Nacional, hoje os três pontos estão concretizados. Desenvolvem-se esses instrumentos de luta para ampliar e consolidar

as conquistas materiais, políticas e ideológicas e eliminar todas as bases de exploração de uma nação por outra e de uma classe por outra.

NÓS MATAMOS E NINGUÉM NOS PEDE CONTAS

NAFTAL ZANDAMELA

— A partir de 69 a situação foi melhorando, foi acabando, porque a luta armada atingia pontos importantes do País. Eu tentava acompanhar a coisa.

Fui detido pela PIDE/DGS por três anos, cinco meses e seis dias, na cadeia. Fui detido em 1969 no dia 26 de Novembro. Saí de casa, cheguei ao serviço e comecei a trabalhar. Por volta das dez horas e pouco o chefe disse: — **Está um senhor que quer falar consigo.** O tal senhor era um branco, pensava que era uma pessoa de cor. — «O senhor é que é o Zandameela, acompanha-me.» — «Não, somos dois.» — «Como se chama?» — «Naftal.» — «Ah, então é você mesmo.» Entrámos no carro. Dento do carro havia mais dois senhores, um Moçambicano e um branco. Cumprimentei-lhes. Ninguém me respondeu. Quando chegámos à Matola, onde eu morava, eu fui com o guarda que tinha uma arma de fogo. Os outros, um entrou pela porta traseira e o outro entrou pela porta principal.

Encontraram a minha mulher. Desmancharam tudo quanto havia lá dentro. Levaram livros que julgavam úteis para o seu serviço.

Quando ela aproximou-se do carro, viu a minha pessoa, pediu para falar comigo disseram-lhe que preparasse o jantar que eu havia de voltar. Embora sabendo que eu estava preso não aceitaram. Ela chorava.

Entrámos no pavilhão n.º 3. Registaram-me na célula 41. Incomunicável. Na parte da tarde verifiquei que na célula, havia um penico, duas mantas, um prato, uma colher e um bocado de sabão. Quando reparei nesses objectos vi carimbado — PIDE. — Compreendi que estava na cadeia da PIDE.

Às três horas chega o guarda e diz: — «Utiliza toda essa mobília. A casa é sua. Talvez estarás quatro ou cinco anos.» Foi então que comecei a sentir frio. Puxei a manta e cobri-me. Permaneci até meados de Dezembro, chamaram-me pela primeira vez.

Quando cheguei na «Vila Algarve», perguntam-me qual era o meu ramo de actividade, e por fim exigiram-me o que eu estava a fazer lá fora. Conteí-lhes toda a minha vida.

— Mas você não nos disse o que anda a fazer. Se você

não nos disser alguém irá nos dizer. Fiquei confuso mas não me atrevi a pedir esclarecimentos, o ambiente de Djamanguana mostrou-me que não era lugar para sentimentos.

Silêncio prolongado; sentia o coração em percussão.

— «Nós matamos e ninguém nos pede contas.» Experimentei um arrepio. Com a sua voz sinistra o agente prosseguiu passeando diante de mim num passo indolente. «Por isso é preciso dizer tudo se quiser livrar o seu corpo.» Nova gota de gelo mais fria do que a primeira. Desta vez revii a minha mulher da janelinha do Land-Rover; chorava e percebi que ela compreendeu que eu estava detido, as crianças seguravam as capulanas da mãe, com olhar miravam o «Jeep» com enorme admiração pois conservavam os lábios exageradamente abertos e não compreendiam o que se passava. Nem me deixaram falar com ela pela última vez. Quando ela tentou aproximar-se do carro um dos polícias empurrou-lhe, ao mesmo tempo que murmurava qualquer palavra obscena. Como eu não tinha nada para contar, deram-me mais uma semana para matutar na célula. Voltando lá fizeram-me a mesma pergunta. E eu disse a mesma coisa. O agente levantou-se e deu-me uma bofetada de cada lado e disse «filho da puta», você não quer dizer, heim?!...

Mandam-me para a célula «Kula» *. Mandaram-me despir. Deram-me com palmatória. Parece que a palmatória não lhes satisfazia o sadismo. Foi quando pegaram no cavalo-marinho e fustigaram-me ferozmente. Depois disso puseram-me uma vara nos joelhos. Não fui eu a viver essa experiência sozinho mas em conjunto com os outros. Quando estava quase a perder os sentidos deitaram-me um balde de água, e as torturas continuaram.

Por fim instauraram um processo. Não sei o que vinha nesse processo. Depois passei a trabalhar fora. Colocaram-me na construção, construímos o pavilhão sete, oito e nove, que era o pavilhão-enfermaria; o pavilhão-refeitório e o pavilhão para as visitas, construímos também o campo de futebol.

As perguntas incidiam se eu conhecia FRELIMO, se fazíamos reuniões nos Bairros, se eu às vezes me deslocava à Tanzania e contactava com os dirigentes. Mesmo que eu dissesse que não sabia nada, que nunca tinha ido à Tanzania, eles nunca

* Kula — quer dizer cresça. É uma palavra de uma das línguas nacionais da região Sul de Moçambique, o Ronga.

aceitavam. Eles diziam para eu dizer a verdade para me salvar, mas a salvação deles não tinha na verdade nenhuma salvação. Tudo dependia deles.

Z.M. DA ENTRADA

— Tudo o que fosse criado naquele tempo era tudo para eles. O prémio para os operários brancos era sempre superior e o dobro do ajudante. O prémio não era conforme o trabalho feito, tinha por base a «cunha», sem «cunhas» era difícil. Por isso temos trabalhadores com vinte a trinta anos de casa na mesma categoria. Mesmo nos concursos, o chefe sabia quem devia passar e os outros ficavam mal. Publicava-se um concurso os negros também concorriam já que não havia proibição de concorrer; apresenta bom trabalho mas sempre reprovava.

Depois de 64 chegaram os pneumáticos; só os operários brancos podiam trabalhar com esses instrumentos novos. Mas aqueles «Reguilas» iam buscar.

Quando o trabalho é complicado o operário mandava você para um lugar qualquer que é para não veres como se faz essa operação. Mas devido à guerra, em 1968-69 alguns operários deixavam os ajudantes fazer o trabalho, mas é devido à guerra. Os operários pretos não tinham voz activa, cada qual defendia o seu «cabedal». Era a questão número um. Para não perder aquilo tem que manter-se isolado dos outros.

COMO É QUE VOCÊS VIVEM AQUI?

XIPENETE

— Eu era para entrar em Djamanguane. Éramos perseguidos pela PIDE. Veio cá uma senhora e fez-me dezasseis folhas e disse-me para eu dizer se gostava de viver com os europeus. «Como é que vocês vivem aqui?»

Pensei — mas esta senhora vem perguntar-me se nós gostamos de viver com os brancos ou se vivemos em conflito permanente, a que propósito?

— Eu, ah! Sim, vivemos bem minha senhora. Gostamos uns dos outros, minha senhora.

— «Ah, mas diga a verdade, não tenha medo, diz a verdade se gostas ou não dos brancos.»

— Não. Eu gosto muito dos brancos, minha senhora.

— «Nunca lutaste com os brancos?»

A resposta veio logo a seguir à pergunta, num tom sentencioso que não admitia possibilidade de réplica.

— Nada. Nunca lutei com eles, trabalhamos muito bem

minha senhora. Faz uma pausa. Deita-me um olhar de cúmplice. Fingi não compreender e continuei atento a mais informações, na verdade ele acrescentou naturalmente — mas por saber que não estava a falar verdade, comecei a sentir medo, comecei a sentir as gotas de suor a escorrer-me pelos sovacos abaixo. A garganta apertava-se-me, tinha medo que a voz me atrapalhasse e entrasse em contradição comigo mesmo. Comecei a transpirar.

— «Porque está a transpirar rapaz? Não tenha medo eu não te faço mal.»

— Quis dizer alguma coisa mas as palavras atrapalharam-se nas goelas e o bico não cantou. Ela olhava-me com tanta insistência nos olhos como quem diz «deves-me uma resposta rapaz». Que remédio tinha de arriscar qualquer coisa, fosse o que fosse, para libertar-me daqueles olhos de fogo de fornalha.

Chatiei-me ao começar, porque comecei gaguejar enquanto que o meu desejo era simplesmente simular resignação, com uma voz baixa e submissa própria para falar com os brancos em especial quando se tratava de mulheres. Continuei — é que... é que minha senhora acabo de sair de febres e paludismo e, assim, eu... eu. Lembrei-me daqueles que tiveram a coragem de dizer a verdade. Os brancos castigavam e bem. Esses todos foram parar às mãos da PIDE. O que sabemos deles é que não voltaram a aparecer, por isso tentava falar ao contrário daqueles mas percebi que aquilo de paludismo não interessava à senhora. Tinha de riscar outro fósforo.

A comida, o nosso comer aqui não satis...

— «Porquê? Porque não encontram comida com os brancos?»

De repente senti-me peixe e pescador ao mesmo tempo. Qualquer de nós fazia o papel definitivo de peixe? Contudo foi muito fácil compreender que ela segurava naquele ponto com muita gula e força. Os olhos dela não me deixavam em paz nem por um segundo. Permaneci calado para divertir-me um pouco com a inquietação da senhora.

— «Porquê não comem bem, heim? Por causa de quem?» — insistia a senhora com maior gulodice. Mudei de tática vi que não valia a pena mergulhar se não ela pescava-me com facilidade. — Ah, é porque temos falta de dinheiro.

— «Falta de dinheiro, não vos pagam bem?» — Ela voltou ao ataque frontal sem pestanejar.

Tive que dizer, novamente, qualquer coisa.

— Ah, recebemos mas é que... é que — voltei a gaguejar. Ela não perdoou nem me largou.

— «Mas o que, os»... vi que a senhora tinha agarrado este ponto. Desta vez enchi-me de coragem e interrompi a senhora, com uma voz tão natural como se não fosse minha.

É que o que nos faz isso é que nós bebemos muito, depois de bebermos muito o dinheiro naturalmente não pode chegar. Não chega é por isso e não porque não recebemos, não senhor, ou porque não nos pagam bem. Gosto dos brancos.

Fez-me uma careta. Não a tinha convencido?

— «Então não discutiste com o senhor António Fernandes?»

Senti uma sensação desagradável ao ouvir esta interrogação. Voltei a mentir, sempre esforçando-me por falar bem diante dela. Ela sabia que nós discutíamos com eles mas o que ela queria é que da minha boca saísse palavras contrárias para vender-me à PIDE.

Quando chegava um português chamavam-me «Turra», porque discuti com o contramestre, discuti com o Fernandes, com o Torres. Eles refilavam comigo e ameaçavam-me. Fiquei com medo. Todos os colonos estavam contra mim. Fui ter com o senhor Manuel.

— Senhor Manuel, por favor mude-me desta secção porque aqui não nos entendemos e eu tenho medo.

— «Medo de quê rapaz. Aqui não se come gente como os vossos amigos chineses.»

Insisti que me transferissem. O senhor Manuel abandonou a papelada e avançou com a arrogância de um tigre. Queria sovar-me, vi pelo olhar. Recuei para fora. Ele acompanhou-me. Fiquei sem saber o que fazer. Ele continuou a avançar, pus-me em posição de guarda. Então ele murchou. Resolveu fazer uma queixa sobre a minha pessoa mas nunca veio a resposta. Daí para a frente chamavam-me «Terrorista». Soube mais tarde que na informação que fizeram diziam que eu tinha dito que se fosse no tempo de Gungunhana nó teríamos morto todos os brancos, mas apesar disso não fazia mal porque Eduardo Mondlane estava a lutar contra os brancos. Se forem vencidos serão todos mortos. Mas eu não tinha dito nada, eles é que escreveram isso lá. Muitos foram presos depois dessa senhora aparecer.

— **Em que ano é que veio essa senhora?**

— Bem, o ano não me lembro porque eu não sabia que o nosso Governo havia de precisar que os Madalas (velhos) contassem a sua história. Mas parece que foi no ano de 1970. Sim, foi em 70, ano que foi preso um colega meu chamado Albano, ele também falou com essa senhora.